

ESPECTADOR BEM-HUMORADO

José Paulo Paes

REVISTA VEJA, p. 105, 11 de setembro de 1991

Em *Memorial do Fim*, Haroldo Maranhão narra a morte de Machado de Assis em tom de paródia a seu estilo

O romance brasileiro parece ter reencontrado o caminho da História em que fora posto, no século XIX, pelo patriarca José de Alencar com *O Guarani*, *As Minas de Prata* e *A Guerra dos Mascotes*. Nos anos 20 do nosso século, a vocação de Paulo Setúbal para o digestivo conseguiu transformar esse caminho na estrada do sucesso de *A Marquesa de Santos* e de *As Maluquices do Imperador*. Que esse fenômeno é atual mostra-o recente aparecimento de livros como *Boca do Inferno*, de Ana Miranda, e *Agosto*, de Rubem Fonseca, nas listas de mais vendidos.

Ao gênero histórico pertence também *Memorial do Fim*, de Haroldo Maranhão (Marco Zero; 185 páginas; 6500 cruzeiros). Trata-se de uma Segunda incursão do autor por esse domínio. Nela se iniciou em 1982 com *O Tetranelo del Rei*, romance ambientado nos primórdios da colonização do Brasil e que tinha como protagonista Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho, donatário da Capitania de Pernambuco. O tom da narrativa era satírico-picaresco, e a sua linguagem, uma habilidosa paródia do português quinhentista, de mistura com enxertos de autores modernos.

Em *Memorial do Fim*, Haroldo Maranhão avança no tempo até 1908 para nos descrever a morte de Machado de Assis, conforme se apressa a declarar no subtítulo do romance, cuja linguagem trabalhada mas saborosa lhe confirma o gosto e o talento para a paródia de estilos. O paródico já se anuncia no título, que traz logo à lembrança do leitor o *Memorial de Aires*. Com o Conselheiro Aires, aliás, se irá repetidamente confundir, ao longo da narrativa de Maranhão, o próprio Machado, naquela simbiose entre criador e criação que é sem dúvida a mais alta glória a que pode aspirar quem se empenhou em dar vida a criaturas de papel. Tal confusão deliberada se reforça pela intromissão dessas criaturas — a Marcela das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a Fidélia do próprio *Memorial de Aires* — entre a gente de carne e osso que assiste à agonia do escritor, roído pelo câncer, na sua casa do Cosme Velho. Gente como José Veríssimo, Euclides da Cunha, Raimundo Correia, amigos dele, e Mario de Alencar, seu protegido, ou figurões da época como o Barão do Rio Branco, cuja visita protocolar é descrita em dois capítulos nos quais a arte satírica de Haroldo Maranhão dá o melhor de si. Capítulos, como os demais, sempre curtos, com títulos de efeito, em que a anedota divide terreno com o aforismo e a digressão, num arremedo do estilo de Machado que não se furta sequer à colagem pura e simples de trechos de romances dele, sem aspas para melhor empulhar o leitor, como gostava de fazer o velho Bruxo.

Leonora e Rosalina — Mas o tempero propriamente romanesco do *Memorial do Fim* está menos na evocação das últimas horas do seu protagonista que no caso sentimental dele com uma admiradora bastantes anos mais nova a quem encontra por acaso na biblioteca da Câmara dos Deputados. A ela, Leonora, que lhe enche de afeto e companhia feminina o final da vida, deixa ele em testamento o seu monte-pio. Um dos capítulos do livro transcreve um diário em que Leonora registrou o curso do seu idílio com Aires-Machado. Tanto quanto sei, o diário e o nome de Leonora são inventados — Leonora se chamava a amada morta do protagonista de *O Corvo*, poema de Edgar Allan Poe traduzido por Machado — mas a personagem existiu na vida real. É uma certa ou incerta Rosalina que serviu de molde à Fidélia no *Memorial de Aires* e a quem Machado legou de fato o seu monte-pio, segundo informa Lúcia Miguel Pereira no capítulo XIX da sua hoje clássica biografia dele.

Talvez algum crítico mais caturra possa censurar a Haroldo Maranhão ter carregado demais nas tintas ao parodiar o estilo machadiano, desrespeitando-lhe aqui e ali a finura e transformando às vezes em banalidades aquela “agudeza intencionalmente barata” tão minuciosamente estudada, nas suas implicações mais amplas, por Roberto Schwarz, em *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*, livro ainda recente. Mas é próprio da paródia, tanto quanto da caricatura, exagerar os traços marcantes do parodiado para torná-lo mais prontamente reconhecível. E quem sabe não será através dessa talentosa homenagem-paródia que mais um leitor desatento venha aprender a descobrir as sutilezas escondidas no seu inimitável modelo?